Teatro Municipal do Rio de Janeiro

O GUARANI

REVISTA DOS ESPETÁCULOS DA FUNARJ
Ano I, n.º 5 — junho/julho de 1980

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Governador: Antonio de Pádua Chagas Freitas
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
FUNDAÇÃO DE ARTES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Secretário de Estado e Presidente da FUNARJ:
Arnaldo Niskier
Vice-Presidente da FUNARJ: Waldemar Augusto Ribeiro
Diretor Superintendente de Teatros: Luís Paulo Sampaio
Diretor Interino do Teatro Municipal: Ciro Pereira da Silva

TEATRO MUNICIPAL
29 de junho, 1.º, 3 e 6 de julho
O GUARANI
Ópera em 4 atos e 5 cenas de CARLOS GOMES

Esta revista é editada pela
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA FUNARJ
Assessora: Prof.ª STELLA WALCACER
Programação Visual e Produção Gráfica: EDUARDO FRANCISCO ALVES
Divulgação e Promoção: MÁRCIO MATHEUS TORLONI
Pesquisa: BEATRIZ FAGA

Capa: Foto de Maureen Bisiliat para o livro e o álbum *Xingu*, publicações da Editora Cultura e da Raízes Artes Gráficas, de São Paulo, aqui reproduzida por gentil permissão da autora.

EDITORIAL

A estréia de *O Guarani*, no Teatro Municipal, se presta a uma série de considerações, a propósito do que pretende a Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro (FUNARJ), no que se refere ao incentivo à atividade artística fluminense.

Logo de pronto, ao assumir a sua presidência, por determinação do Governador Chagas Freitas, duas homenagens são devidas: uma ao pioneirismo de Adolpho Bloch, primeiro presidente da antiga FUNTERJ e que lhe deu uma grande vitalidade; outra aos méritos de Guilherme Figueiredo, a quem devemos a criação da FUNARJ e todo o seu planejamento, que pretendemos seguir como uma bússola. Foram duas fases marcantes de apoio à cultura, em nosso Estado, e os seus exemplos estarão permanentemente em todos os atos da instituição.

Buscar-se-á o mais amplo diálogo com as diversas comunidades artísticas, quaisquer que sejam as suas manifestações culturais. É impossível hierarquizar a arte, pois nela tudo é importante, sobretudo numa cidade que detém o insuperável título de Capital cultural do País.

Mas há um fato que nos angustia: a sensação de que se reduz o público interessado em prestigiar as casas de cultura. Talvez isto seja a conseqüência negativa de um certo descuido na educação artística — prevista para ser levada a todas as nossas escolas — mas que não tem passado de quimera inalcançável. Vamos valorizar esse aspecto do dinâmico sistema de ensino do Rio de Janeiro, formulando um modelo que dará mais vida à educação artística. Com isso, estimamos que ocorra o despertar de novas vocações nos diversos ramos da arte, mas principalmente se adquira mais consciência da necessidade de comparecer aos espetáculos. Está nas mãos dos professores e dos estudantes o destino das novas platéias que encherão de vida as nossas óperas, concertos, ballets.

Queremos ainda referir a um outro aspecto essencial do trabalho da FUNARJ: a presença marcante do artista nacional em toda a sua programação. Esse escopo será perseguido em todos os momentos, como uma diretriz da qual não nos afastaremos.

Finalmente, a promessa de que a cultura não será privilégio de uns poucos. Temos a pretensão de alargar os seus horizontes, se possível ao infinito, como convém a quem proclama a necessidade de levá-la a todos, como um direito. Será este o nosso grande objetivo, e estamos certos de que não nos faltará o apoio do maravilhoso público do Rio de Janeiro.

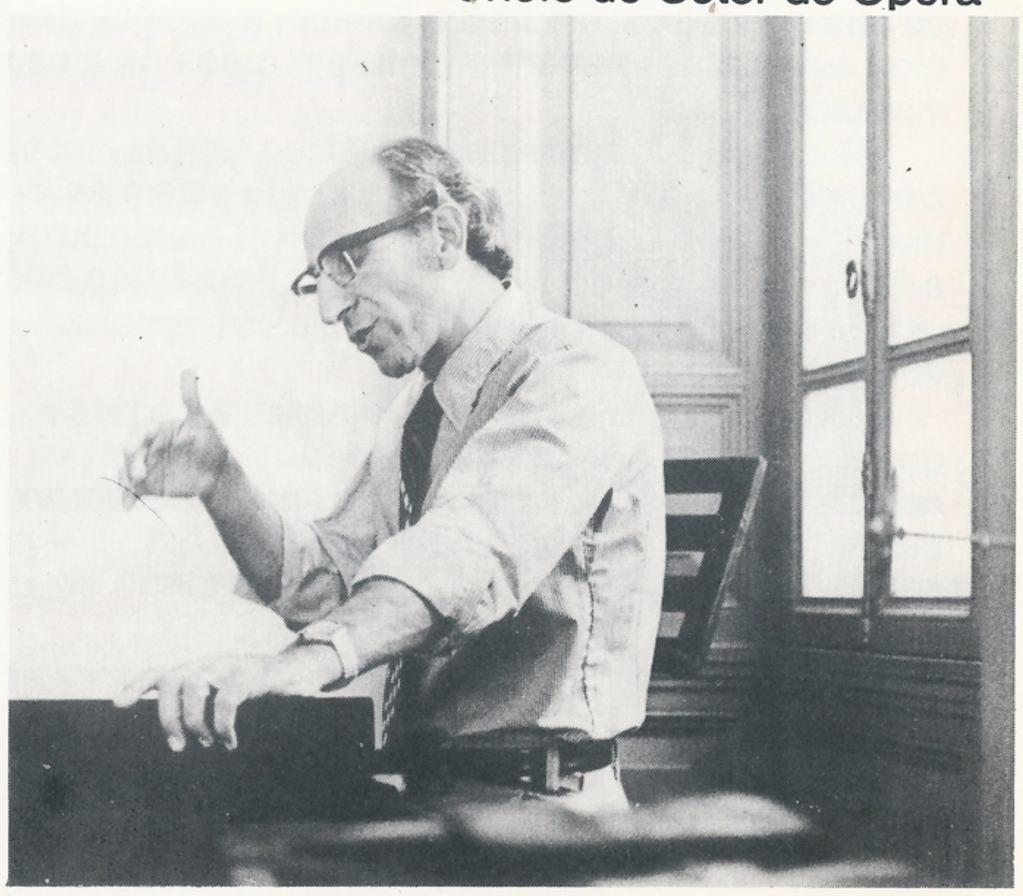
Arnaldo Niskier

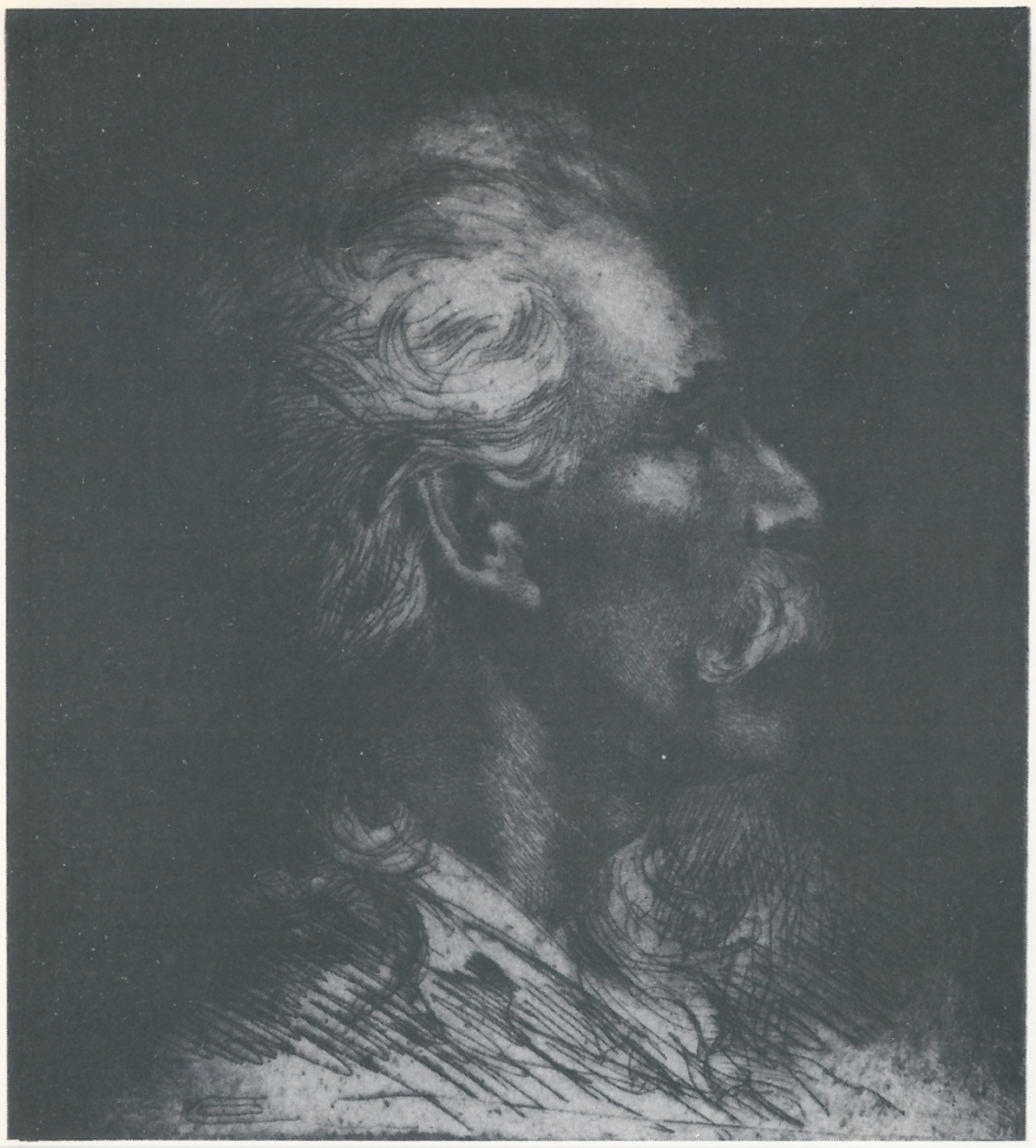
Maestro MÁRIO TAVARES

Diretor Musical da Associação Brasileira de Violoncelistas, Diretor Titular da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, autor de várias obras premiadas, o Violoncelista, Regente e Compositor Mário Tavares é um dos mais destacados músicos brasileiros da atualidade. Muito conhecido em seu país, tem representado o Brasil no exterior onde, em várias oportunidades, recebeu homenagens por suas apresentações como regente. Esteve na Espanha como delegado Oficial brasileiro no I Festival de América Y Espanha, *Madri; em Portugal realizou concertos com a Orquestra Sinfônica do Porto; atuou durante dois anos como diretor Convidado da Organização Casals Inc., Orquestra Sinfônica de Porto Rico, tornando-se Membro Honorário e Vitalício da Federação de Músicos desse país, título que recebeu em cena; passou uma temporada como Diretor Titular da Sinfônica do Chile, a convite de Victor Tevah sendo, dela também, Membro Honorário e Vitalício, título conferido pela 1.ª vez na história da Orquestra com o qual acabara de realizar 20 concertos educacionais; nessa ocasião recebeu das mãos do Ministro da Educação daquele país a medalha Gabriela Mistral* em reconhecimento pelo excelente trabalho realizado junto às crianças e juventude do Chile. *Convidado pelo Governo, em maio de 1975, para apresentar-se nos Estados Unidos, dirigiu o concerto central — todo com obras de Villa-Lobos — no Keneddy Center de Washington, dentro do 8.º Festival Interamericano de Música. Após uma série de concertos, regendo a Orquestra Filarmônica de Bogotá, foi outra vez homenageado e agraciado, em cena aberta, pela Associação de Professores daquela orquestra. Contam-se entre as obras premiadas de Tavares o* Concertino *para flauta, fagote e cordas, o poema sinfônico-coral* Ganguzama, *a cantata* Rio, a epopéia do morro *e a música para bailado* Praiana.

Maestro ANDRÉS MASPERO, Diretor do Coro

Maestro MANUEL CELLARIO, Chefe do Setor de Ópera





CARLOS GOMES E O GUARANI

Natural de Campinas, Antônio Carlos Gomes nasceu a 11 de julho de 1836. Mundialmente considerado, em vida, um dos maiores compositores do gênero operístico, projetou seu país no exterior como nenhum outro cidadão brasileiro o fizera, anteriormente. O primeiro fruto notável de sua arte, apadrinhada pelo Imperador D. Pedro II, que o mantinha na Itália, foi, sem dúvida, *O Guarani,* obra na qual revelou ao mundo, as origens de seu povo. Encontrando em Milão, certa vez, uma tradução italiana do romance de Alencar resolveu, entusiasmado, compor uma ópera baseada nele; encomendou o libreto a Scalvini mas, em virtude do pouco interesse que demonstrou pelo assunto, foi ele revisto e terminado por Carlo d'Ormoville. Concluída a partitura, Carlos Gomes não teve dificuldades em apresentá-la à alta direção do Teatro Scala que conhecia o valor do maestro através das operetas que já compusera, cantaroladas pelo povo de Milão e reproduzidas até em realejos de rua. *O Guarani* foi aceito mas surgiu, de imediato, um grave problema. Aos estreantes, especialmente estrangeiros, era imposta uma taxa de dez mil libras a título de pagamento pela concessão da montagem. Carlos Gomes não desistiu; escreveu ao Imperador expondo-lhe a situação e a resposta foi exatamente aquela que esperava de quem nunca lhe havia recusado proteção. D. Pedro enviou-lhe a quantia exigida pela empresa do Scala, subtraída de seu bolso particular. Assim, após superadas outras dificuldades tais como encontrar um tenor com físico adequado para o papel de Peri e obter da orquestra efeitos capazes de substituir os sons dos instrumentos indígenas, *O Guarani* estreou em 19 de março de 1870 alcançando enorme sucesso. Compareceu ao Scala, superlotado, toda a aristocracia milanesa tendo à frente a Princesa Matilde; inúmeros maestros, entre os quais Ponchielli e Verdi, acompanhavam o desenrolar da ópera, tendo em mãos a partitura fornecida pela casa Ricordi. Carlos Gomes foi chamado à cena 18 vezes sob os aplausos delirantes de toda a assistência. No dia seguinte, Milão inteira fervia de entusiasmo e, além das felicitações recebidas de altas personalidades, o Rei da Itália nomeava o compositor Cavaleiro da Ordem da Coroa da Itália. Só naquela temporada *O Guarani* subiu à cena do Scala 15 vezes e, em vista do êxito obtido, foi escolhido para abrir a Exposição Industrial de Milão, no ano seguinte. A partir de então *O Guarani* começou a correr o mundo; apresentado em todos os teatros de norte a sul da Itália, invadiu a Europa — Rússia, Áustria, Portugal, Holanda e Inglaterra — e conquistou as grandes capitais da América.

O GUARANI
no Teatro Municipal do Rio de Janeiro

Em 3 de agosto de 1914, quando já haviam transcorrido cinco anos de sua inauguração, o Teatro Municipal do Rio de Janeiro encenou, pela primeira vez, a ópera O guarani *de Carlos Gomes; o elenco era formado por Nícia Silva, soprano brasileiro, e pelos cantores estrangeiros José Palet, Giuseppe Danise, Giulio Cirino e Bernardo Berardi, sob a regência do M.º Edoardo Vitale. Até a presente data essa ópera totaliza 52 apresentações em nosso teatro. Procedendo-se a um rápido exame, são dignos de menção os seguintes fatos: Em 1919, a extraordinária cantora gaúcha Zola Amaro interpretou* Cecília, *integrando um elenco estrangeiro. O grande maestro-compositor Pietro Mascagni regeu* O Guarani *4 vezes, na temporada de 1922. Bidu Sayão (1933 a 1936) comove a platéia transmitindo ao papel feminino da ópera a sensibilidade adequada. Em 1935 pela primeira vez é cantado* O Guarani *em português, na versão de Paula Barros. O casal de festejados artistas brasileiros Carmen Gomes e Reis e Silva, juntos, em vários anos consecutivos na dupla* Ceci-Peri, *primorosamente coadjuvados pelo barítono Sylvio Vieira, fazem história. Na primeira fase da existência do Municipal, cinco tenores estrangeiros cantaram o personagem título: José Palet, Giuseppe Taccani, Miguel Fleta, Luigi Marletta e Georges Thill. Em contraposição, desde a estréia até hoje só tivemos duas* Cecílias *estrangeiras: Maria Ross (1922) e Gianna D'Angelo (1964). Em 1949 surge arrebatador* Peri: *Mario Del Monaco que, entusiasmado pela figura do índio, voltou a encarná-lo em 1950; em ambas as apresentações se fez acompanhar da brasileira Maria de Sá Earp. Paulo Fortes consagra-se no* Aventureiro *bisando em várias ocasiões, a partir de 1951, a ária* Senza tetto, senza cuna. *Em 1964 grande barítono estrangeiro canta* Gonzales: *Piero Cappuccilli. O maior* Cacique *vindo de fora foi Nicola Rossi Lemeni. A crítica unanimemente aplaudiu a montagem primorosa de* O Guarani *de 1955, concepção cênica de José Maria Monteiro. Os récordes de interpretação dos papéis principais da ópera pertencem a: Maria de Sá Earp* (Cecília), *13; Assis Pacheco* (Peri), *18; Sylvia Vieira* (Gonzales), *13; José Perrota* (D. Antonio), *12; e Carlos Walter* (Cacique), *9. Em 1970 comemorou-se o centenário de* O Guarani *com o seguinte elenco: Dalka Azevedo, Assis Pacheco, Lourival Braga, Carlos Dittert e Carlos Walter, sob a direção do M.º Santiago Guerra que, aliás, foi quem mais regeu essa ópera no Teatro Municipal: 23 vezes, pouco menos que a metade do total de apresentações. A última encenação de* O Guarani *em nosso teatro foi em 1972 (14 e 16 de maio), regida por Eleazar de Carvalho, com artistas já citados e mais Diva Pieranti, em* Ceci *e Pedro Stomper, no* Cacique. *Dentre as óperas até hoje encenadas no Teatro Municipal* O Guarani *ocupa o 12.º lugar em número de apresentações, sendo, entretanto, a mais executada das obras de Carlos Gomes.*

O Diretor, SÉRGIO BRITTO, com seus protagonistas principais

Para quem há 35 anos faz teatro como ator e diretor, dirigir ópera é experiência muito estimulante: o prazer maior consiste em se deixar levar pela música, os valores psicológicos em segundo plano, nada de literatura, a inspiração que possa vir simplesmente do som, da frase melódica, da acentuação e das inflexões que surgem na partitura.

A direção de uma ópera é, antes de tudo, trabalho de conjunto. Você constrói um sentido para seu espetáculo, você parte para ele com uma idéia clara na cabeça, mas você vai se encontrar, no meio do caminho, com várias outras presenças de diretor: o diretor vocal, preparando os solistas; o maestro do coro e afinal, acima de tudo isso, o diretor da orquestra.

Eles — o diretor do coro, o preparador vocal e o regente da orquestra — estão sempre numa área onde a criatividade, por mais liberdade com que seja exercida, parte sempre de valores perfeitos, valores técnicos absolutos, contidos todos na partitura. Já a criatividade de um verdadeiro diretor do espetáculo de ópera, por mais atenta que seja a esses valores, para existir totalmente, precisa, de certo modo, saber se livrar, não se aprisionar nas teias desses valores absolutos e perfeitos. É a hora de optar: apenas colocar em cena uma ópera, ou dirigi-la, isto é, ter sobre a ópera uma idéia e tentar passá-la.

Para pensar em Il Guarany, comecei pensando em José de Alencar. E Alencar me trouxe Gonçalves Dias. E gonçalves Dias me trouxe o indianismo. A floresta brasileira, um paraíso terrestre, local ideal para o homem viver em contato com a natureza. Os índios são os donos desse paraíso, heróis intocáveis na sua pureza e na sua beleza. No romance de Alencar ou no libreto de Il Guarany, em 1560, no Brasil, índios estão permanentemente em luta com os brancos invasores.

Peri é a imagem tão romântica que não resiste a qualquer análise histórica. No final, quando o castelo é invadido e Don Antonio entrega Ceci a Peri para que ele a salve, batizando-o antes, é evidente que José de Alencar nos fala de um índio que trai o sentido de sua raça, simplesmente pelo amor de uma jovem portuguesa.

Não cabe ao diretor do espetáculo criticar a figura de Peri, mas, pelo contrário, dramaticamente, o interessante é enfatizar essa paixão total, esse desvario que o leva a aceitar tudo per l'amore di sua Ceci.

Em 1980, Il Guarany nos comove muito mais pela eterna luta da raça índia contra a raça branca, invasora, destruidora, insaciável.

Mesmo com a contradição de Peri, ou melhor trabalhando sobre essa contradição como rico fato dramático, difícil é não ressaltar a bravura dos índios que resistem a tudo, inclusive ao batismo

que o nosso herói aceitou.

É verdade que Carlos Gomes coloca o melhor de sua inspiração nos cantos guerreiros do 3.º ato (justamente o passado na tribo dos Aimorés) mas nem por isso, o libreto deixa de ser a favor dos "pobres brancos" cercados pelos índios selvagens.

Foi daí, dessas imagens de Alencar, dessas contradições todas que me veio a idéia de um espetáculo que, sem sacrificar ou modificar nada do libreto e das entonações dramáticas sobre a dignidade de um Don Antonio (na verdade um dos chefes dessa invasão cruel, que trouxe os vícios e as doenças da civilização, vícios e doenças que os índios não conheciam) mostrasse, antes de tudo, também a dignidade e o teimoso heroísmo de uma raça que começou a ser destruída naquele longínquo 1560 e hoje termina na mão dos posseiros, última espécie de brancos ainda invasores e ainda insaciáveis.

E foi na Protofonia — quase um 2.º Hino Nacional, que toda a platéia pode assobiar porque a sabe de cor — que resolvemos colocar a presença mágica dessa floresta, desses heróis quase irreais, desses índios gigantes na sua formosura e na sua pureza.

Pura idéia romântica, puro Alencar, puro Carlos Gomes, mas, ao mesmo tempo, a presença de uma cultura que existe e resiste.

A cultura indígena transporta para o palco, sem nenhuma preocupação realista, mas, esperamos, bastante presente nessa fantasia.

Os ritmos selvagens, o choro das carpideiras, as danças sem música da partitura, são sempre uma tentativa de mostrar essa cultura, de lembrá-la.

Caminhamos da memória dessa cultura destruída para a colocação cênica teatral dessa mesma cultura e depois deixamos ver nitidamente a extrapolação final que leva à ópera.

Para quem não nos tenha entendido bem até agora: só partimos de uma pesquisa séria sobre o índio — no seu andar, no seu dançar, nos seus sentimentos, nos seus ritmos de vida e de morte — para chegarmos à liberdade de criar uma grande fantasia, enfim para chegarmos a um espetáculo de teatro total, a um espetáculo de ópera.

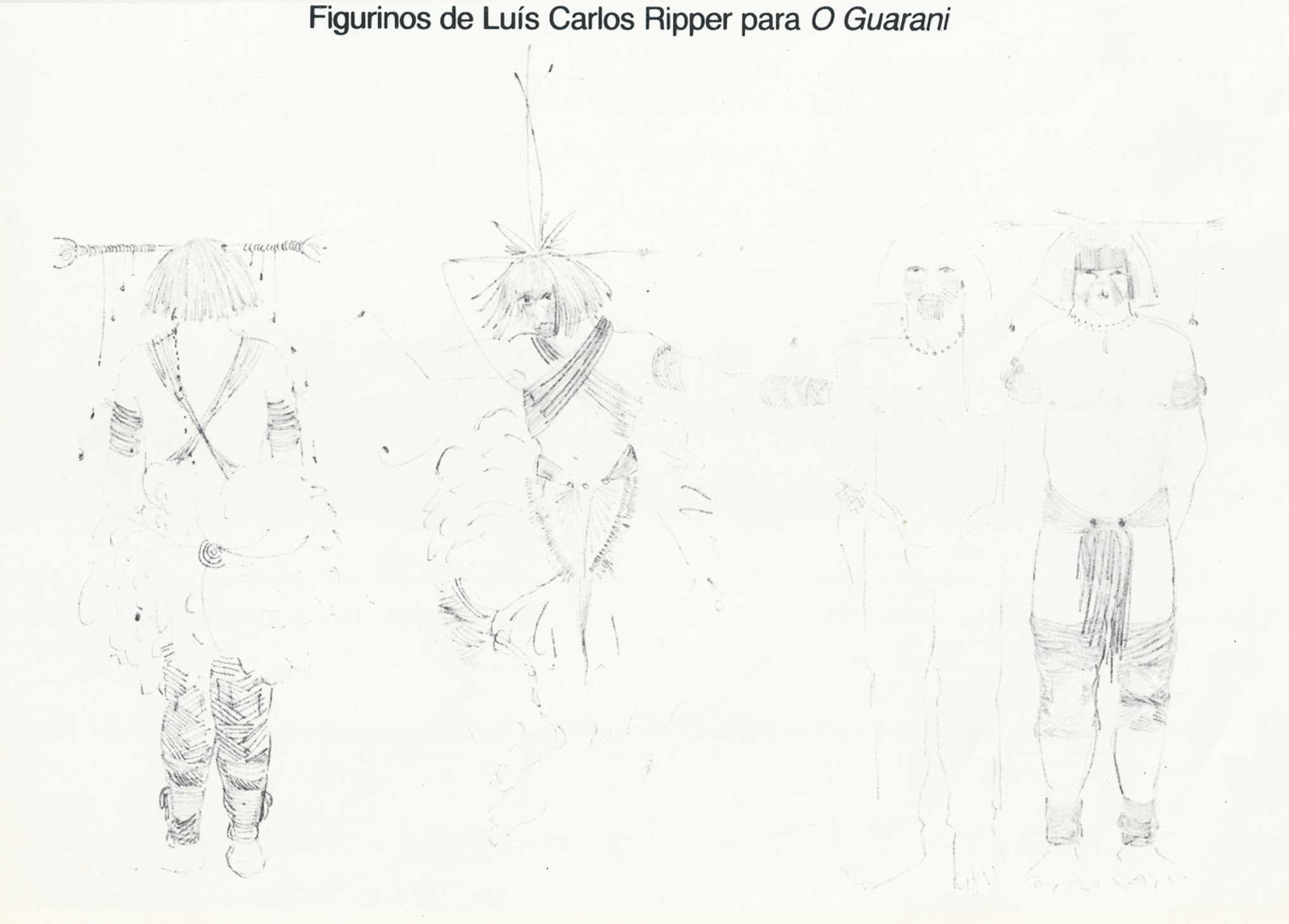
O final da ópera, como não podia deixar de ser, é dos índios — os grandes derrotados.

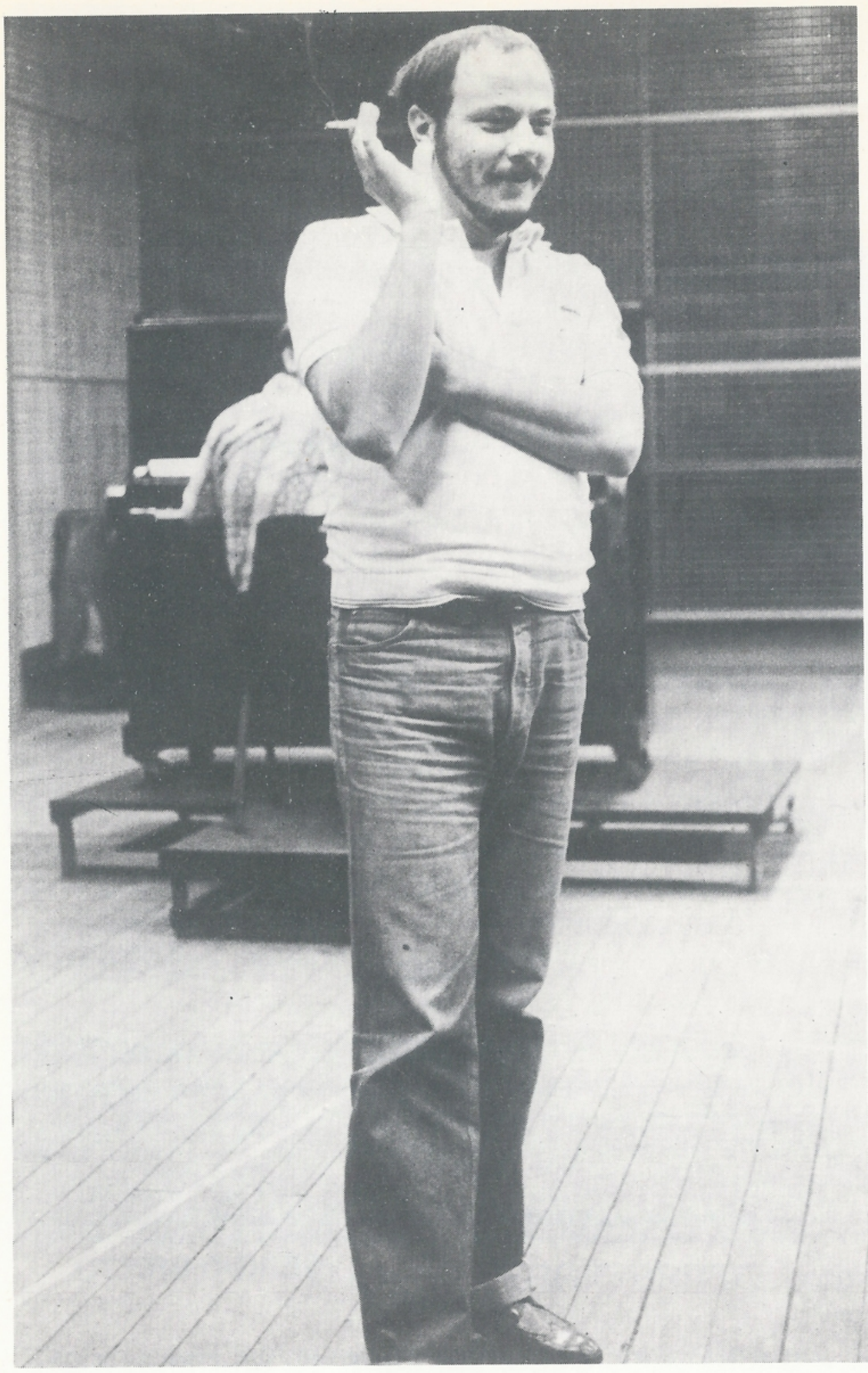
Quando o castelo explode, matando os portugueses de Don Antonio e os aventureiros de Gonzales, se Ceci é salva por Peri, o que mais nos interessa é o destino desses Aimorés, vencedores de uma batalha, mas, na verdade, os sempre e continuamente derrotados índios — do Brasil? não — do mundo inteiro.

E por isso os 20 homens e mulheres — que ficarão olhando para a platéia como última imagem de Il guarany — representam, esperamos eloqüentemente, o desespero dessa destruição sem sentido.

SÉRGIO BRITTO

Figurinos de Luís Carlos Ripper para *O Guarani*

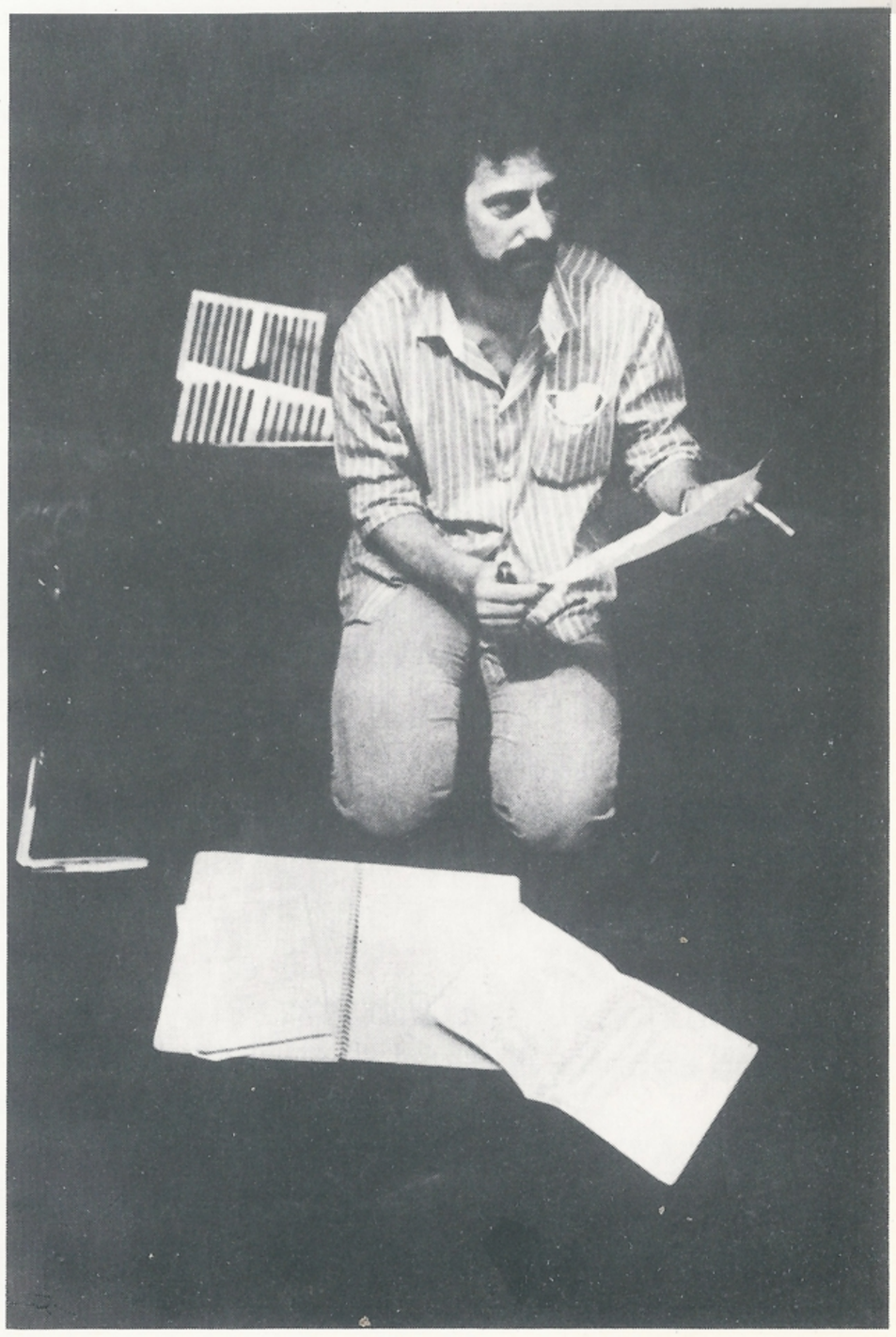




O Cenógrafo e Figurinista LUÍS CARLOS RIPPER

Cenógrafo e figurinista de grande projeção no Teatro Brasileiro da atualidade, Luís Carlos Ripper vem se dedicando às artes cênicas, tanto cinematográficas como teatrais, com esmero de um verdadeiro estudioso e exigente pesquisador. Não se contentando em realizar cursos de Letras, Artes e Arquitetura, fez também vários outros: de Iluminação, Expressão Corporal, Interpretação, Folclore Brasileiro, Voz e Violão, Ritmo e Movimento — o que caracteriza o profissional consciente que repudia, na arte, a improvisação e a aventura. Iniciou sua carreira em 1965 como Assistente de Direção de um curta metragem. Desde então tem apresentado inúmeras produções em Festivais Internacionais de Filme, notadamente em Adelaide, Pesaro, Veneza e Lisboa, bem como, diversas vezes, em Berlim e Cannes, tendo recebido nas últimas duas cidades, respectivamente, os prêmios Urso de Prata (1969) e Luis Buñuel (1970). Criou roteiros, cenários e figurinos para inúmeros filmes, tais como *Fome de Amor* (melhor roteiro de 1968), *Capitu, Brasil Ano 2000* e *Xica da Silva*. Vem realizando também cenários e figurinos para peças teatrais onde muitas vezes acumula as atribuições de Diretor e Produtor, sendo comum receber a Coruja de Ouro, o Molière e o Golfinho de Ouro.

O Iluminador JORGE DE CARVALHO



CENTRAL TÉCNICA DE PRODUÇÃO DA FUNARJ

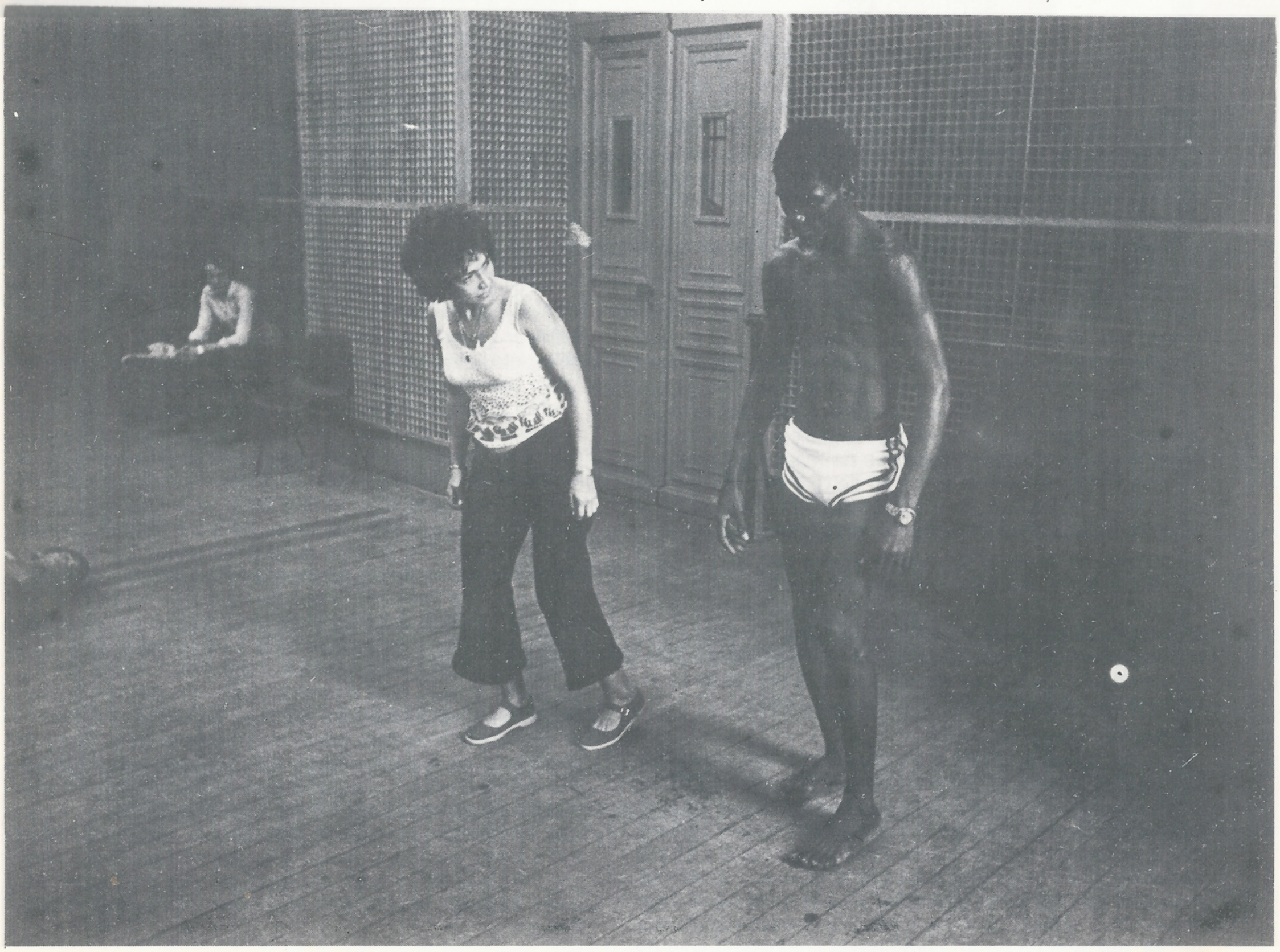
Direção: Tatiana Memória

Divisão de apoio: Chefia — Suely Mandel. Divisão de Produção: Luís Carlos Silva; Assistente: Janete S. Parente. Pintura Artística: Chefia — Dorloff Pereira da Silva. Adereçaria: Chefia — José Carlos Couto. Carpintaria: Chefia — Luiz Antonio Fernandes Correa. Guarda-Roupa: Antonio Levy; Maria de Lurdes Pacheco. Chapéus e adereços de figurino: Chefia — Antonio Pedro Braga. Perucaria: Chefia — Antonio Domingues Lopes. Maquilagem: Chefia — Divina Luján Suarez. Cortina: Rubem Agnaldo de Souza e Eutália Maria da Luz. Contra-Regra: Severino Felix de Faria, Juarez Araújo e Fernando Soares. Iluminação: Central Técnica — Chefia: Manoel Peixoto. Coordenação de Montagem Teatro Municipal: José Bertelli Sobrinho. Montagem e Operação Teatro Municipal: Ary Santos Ferreira. Som: Central Técnica — Chefia: José Soares. Camareira: Carmem Dias Campos. Maquinaria Teatro Municipal: Chefia — Jorge Dias; Encarregado — José Carlos Pereira.

VERA CALÁBRIA,
assistente do Diretor

MARGA NIÉC, assistente da direção
e do setor de ópera da FUNARJ

MARIA RITA, assistente do diretor para expressão corporal, ritmo e coreografias dos figurantes, com Cláudio, que toca tumbadora no 3.º ato



RESUMO DA AÇÃO

Os senhores vão ler um resumo convencional de O Guarani. O Diretor fez alguns acréscimos que a seguir descrevemos: na Protofonia, os jovens guerreiros da tribo Aimoré são surpreendidos durante uma caçada pelos portugueses. Atônitos, são expulsos de seu habitat pela primeira vez em sua história. Esses mesmos índios aparecem no fim do 2.º ato, no cerco ao Solar dos Mariz. No início do 3.º ato há uma dança guerreira e um coro de carpideiras, representando a presença da cultura indígena, extrapolada teatralmente. E a ópera não termina com a imagem do Peri e Ceci, mas dos índios que encaram a platéia, exprimindo sua condição de agredidos, expulsos, derrotados.

PRIMEIRO ATO

Esplanada ante o solar de D. Antonio de Mariz

Ouvem-se sons de caça e entram em cena os caçadores, trazendo suas presas e felicitando-se pelos bons resultados da batida. D. Álvaro é objeto das irônicas observações de Gonzales, seu rival no amor da bela Cecília, porém as suporta pacientemente, pois sabe-se protegido pela preferência do pai da moça. D. Antonio, vindo ao encontro dos seus hóspedes, conta-lhes a terrível aventura de Cecília naquele dia, quando se banhava no Rio Paquequer. Se não fosse a providencial intervenção de um índio Guarani, os Aimorés a teriam raptado em represália pela morte de uma indiazinha acidentalmente baleada em expedição anterior. Todos pedem para conhecer o índio salvador e D. Antonio então lhes apresenta Peri, a quem agradece solenemente o inestimável serviço prestado ao seu coração de pai. Cecília é recebida com aclamações de alegria. Seu pai lhe comunica haver concedido sua mão a D. Álvaro. A moça curva-se à vontade paterna, mas sente que seu coração a outro pertence. É hora da AVE MARIA. Todos se ajoelham. Observando a oração dos brancos, Peri coloca-se atrás de Gonzales e o ouve combinar com Rui e Alonso um encontro suspeito na Gruta do Selvagem. Decide vigiá-los. Terminada a reza, todos se retiram e Peri prepara-se para seguir os aventureiros, disposto a desmascará-los. Ceci o detém, mas Peri previne-a de que precisa apresentar-se para aparar um novo golpe que a ameaça (SENTO UNA FORZA INDOMITA). Comovida, a moça despede-se do amigo dedicado com palavras de um amor quase confessado.

SEGUNDO ATO

1.º quadro: Na Gruta do Selvagem, em plena floresta

Peri entra apreensivo e alegra-se por ter conseguido chegar ao local do encontro antes de Gonzales e seus asseclas. Pressente uma traição à sua senhora. Em singelo monólogo (VENTO IO PUR SUPERBA CUNA) diz que também ele é filho de uma terra nobre e livre. Foi sempre feliz na terra natal, no meio de seu povo, sempre forte contra os perigos, empunhando com valor as armas que seu pai lhe deixou. Sim, também ele era nobre! Mas um dia viu Ceci e, ao vê-la, renunciou à glória para segui-la e transformar-se do feroz jaguar das matas em escravo submisso. Entram Alonso, Rui e Gonzales. Este último revela ter descoberto o roteiro das minas de prata, outrora doadas ao rei Felipe. Propõe dividir essa riqueza com seus cúmplices se estes o ajudarem a raptar Cecília e amotinar a tropa contra D. Antonio. Peri, oculto, ouve toda a trama. Investe contra os inimigos de sua senhora, desarmando Gonzales, enquanto Rui e Alonso fogem, embrenhando-se na mata. Peri poupa a vida de Gonzales, sob a condição de que este deixe para sempre o solar de D. Antonio. O aventureiro aceita, para se livrar do índio, com a intenção de matá-lo de surpresa.

2.º quadro: Na taberna dos aventureiros

Estão todos reunidos. Enquanto aguardam a chegada de Gonzales, Rui e Alonso tentam induzir os companheiros a se rebelarem contra D. Antonio. Aparece Gonzales que acaba de convencê-los, falando-lhes da vida de aventureiro que, sem pátria e sem lar, busca a fortuna e o prazer, sem temer a morte (SENZA TETTO, SENZA CUNA).

3.º quadro: Quarto de Cecília

A sós, Cecília admira o luar que lhe invade o quarto e canta uma balada, acompanhando-se à guitarra (C'ERA UNA VOLTA UN PRINCIPE) deita-se e tranqüilamente adormece. Pela janela aberta Gonzales consegue introduzir-se no quarto da moça com intenção de raptá-la. Ceci acorda e repele indignada o ousado aventureiro. Gonzales insiste e, quando tenta agarrá-la, uma flexa certeira, atravessando o espaço, fere-lhe a mão. O aventureiro corre à janela, disparando no ar, como havia combinado com os aventureiros, enquanto Ceci, reconhecendo a flexa, percebe que está salva, pois Peri vela por ela. Acordados pelos tiros, os moradores do castelo correm ao quarto de Ceci. Surpreendendo Gonzales, D. Antonio e D. Álvaro indignados, procuram castigar o hóspede traidor, quando são avisados de que o castelo está sitiado pelos Aimorés, sequiosos de vingança. O perigo maior faz que todos se unam para defender o castelo. Os homens saem empunhando espadas, ficando Cecília a implorar à proteção divina.

TERCEIRO ATO

Na taba dos Aimorés

Depois de violento combate, Cecília cai prisioneira e é levada à taba inimiga onde espera a hora do suplício. Aparece o Cacique no seu traje de grande sacerdote do ritual que em breve vai-se realizar. Seu aspecto é feroz, mas majestoso. Aproximando-se de Ceci, levanta o véu que lhe cobre o rosto e, ante a beleza inocente da menina, se enternece e resolve fazer dela rainha em lugar de escrava (GIOVINETTA, NELLO SGUARDO). Um grupo de Aimorés entra trazendo Peri prisioneiro. Todos se admiram de que o herói das selvas se tivesse deixado aprisionar, mas Ceci compreende que, não podendo salvá-la, Peri preferiu morrer com ela. Às perguntas do cacique, Peri responde com arrogância, provocando a irritação geral. É então amarrado ao tronco para ser imediatamente sacrificado. Começa a cerimônia. As índias dançam, os índios também. Decidido a fazer de Ceci a rainha da tribo, o cacique ordena que, conforme o hábito dos Aimorés, ela conceda ao prisioneiro uma suprema e última hora de amor. Os dois ficam a sós. Ceci implora a Peri que fuja, mas este suplica-lhe que todo seu desejo é morrer junto dela. Os dois trocam juras de amor. (PERCHÉ DI MESTE LAGRIME). Volta o cacique com a tribo e, no momento em que Peri oferece o peito ao inimigo, os portugueses, chefiados por D. Antonio, aparecem para libertar os jovens. O cacique cai morto e a tribo, tomada de surpresa, foge apavorada pela mata, não conseguindo impedir a fuga dos atacantes.

QUARTO ATO

Nos subterrâneos do solar

Gonzales, que não desiste do seu propósito de raptar Cecília, combina com os companheiros um meio de desembaraçar-se de D. Antonio, D. Álvaro e Peri, mas é surpreendido pelo velho fidalgo que tudo ouvira. Os aventureiros fogem, escondendo-se pelos corredores do subterrâneo. Vendo aparecer Peri, por uma passagem que só o índio conhece, D. Antonio aconselha-o a fugir. Explica-lhe que, não tendo forças para combater os Aimorés e sentindo-se rodeado de traidores, resolvera fazer explodir os barris de pólvora, guardados no subterrâneo, pois sabendo que a morte é inevitável, procura consegui-la com dignidade para si e sua gente. Peri implora que o deixe salvar Cecília. Mas, como o velho hesita em entregar a filha a um pagão, o índio pede para ser batizado, pois está disposto a adorar o Deus de Ceci. Recebe o sacramento, beijando a cruz da espada de D. Antonio. Chega Cecília e o pai participa-lhe sua resolução. A moça lhe implora que a deixe morrer em sua companhia, mas, num heróico esforço, o velho pede a Peri que a leve o mais depressa possível. Saem pelo esconderijo. Gonzales e os aventureiros traidores entram, e vendo que Peri fugia levando Ceci, tentam persegui-los. D. Antonio interpõe-se e, ameaçado pela espada do adversário, dispara sem hesitação sobre os barris de pólvora. A explosão é tremenda. O castelo desmorona, sepultando seus moradores. Ao longe, sobre uma colina, Cecília é guiada por Peri, que lhe mostra um futuro de paz, beleza e felicidade. Ao longe, o velho solar é um monturo de escombros e fumaça...

TEATRO MUNICIPAL

29 de junho de 1980, às 17 hs. — Assinatura C
1.º de julho de 1980, às 21.30 hs. — Assinatura A
3 de julho de 1980, às 21 hs. — Assinatura B
6 de julho de 1980, às 17 hs. — Récita Extraordinária

O GUARANI

Ópera em 4 atos e 6 cenas, de
CARLOS GOMES
Libreto de Antonio Scalvini e Carlo D'Ormoville

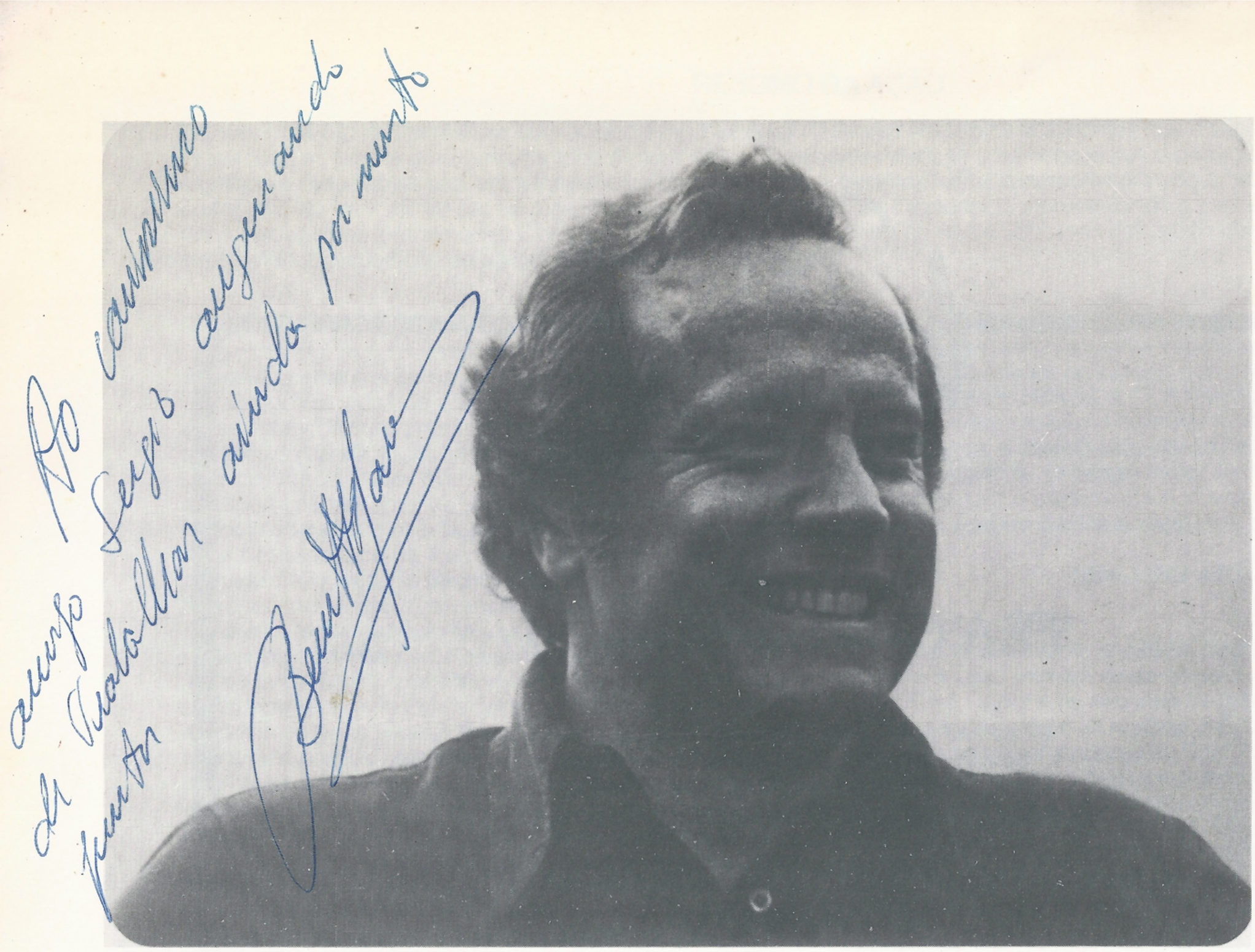
Personagens, por ordem de entrada em cena

GONZALES, aventureiro espanhol, barítono PAULO FORTES
DOM ÁLVARO, aventureiro português, tenor MARCOS LOUZADA
ALONSO, aventureiro espanhol, baixo MANOEL PÁSCOA
RUI BENTO, aventureiro espanhol, tenor VICTOR PROCHET
DOM ANTÔNIO DE MARIZ, velho fidalgo português, baixo AMIN FERES
PERI, chefe da tribo Guarani, tenor BENITO MARESCA
CECÍLIA, filha de Dom Antônio, soprano ÁUREA GOMES
O CACIQUE, chefe da tribo Aimoré, baixo WILSON CARRARA

Aventureiros, nobres, indígenas e escravos
Ação: em 1560, próximo do Rio de Janeiro

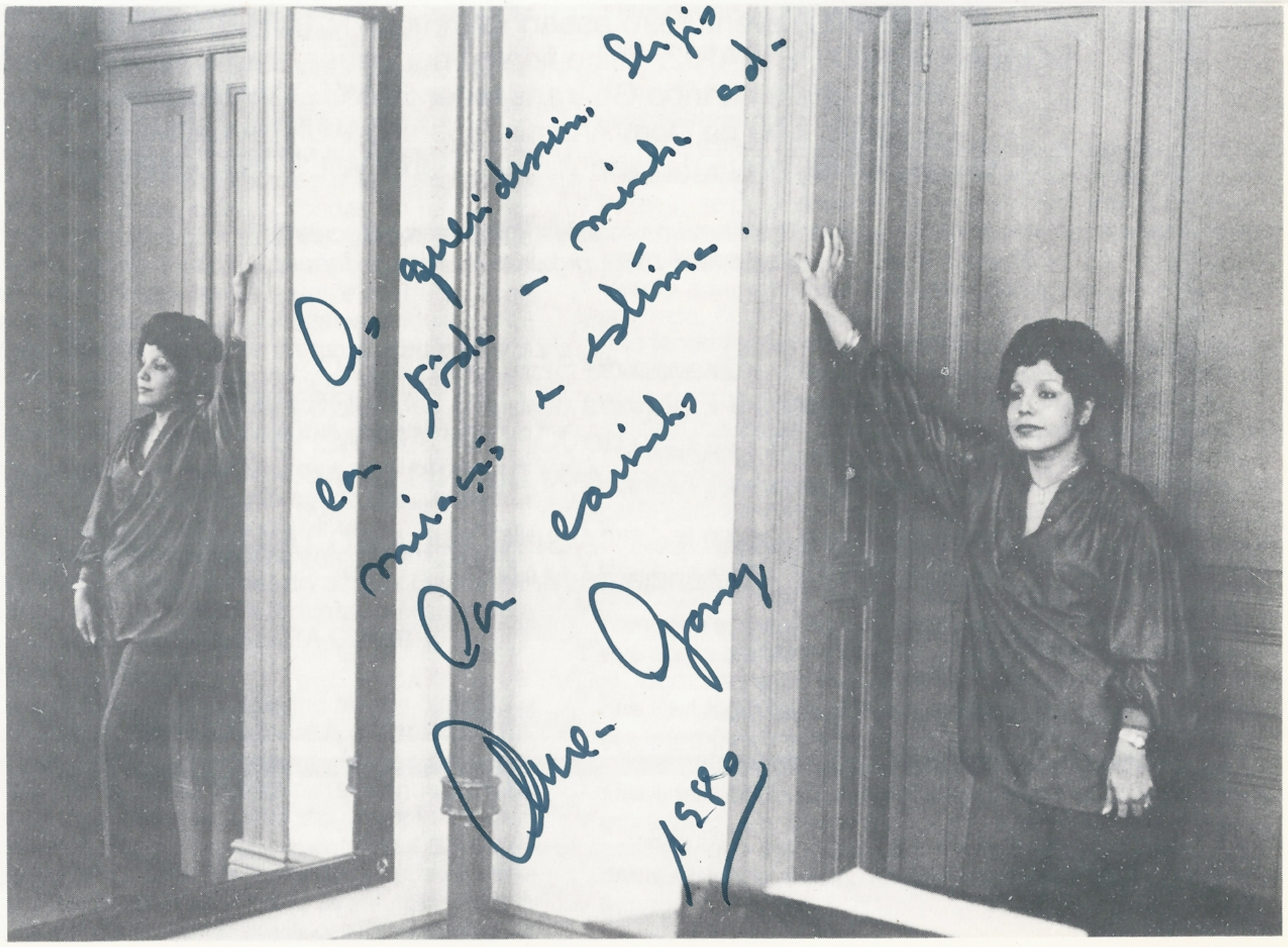
Direção de SÉRGIO BRITTO
Cenários e Figurinos de LUÍS CARLOS RIPPER
Iluminação de JORGE CARVALHO
Coreografia de DENNIS GRAY

BALLET, CORO E ORQUESTRA SINFÔNICA DO TEATRO MUNICIPAL
Regência de MÁRIO TAVARES



Nascido em São Paulo, a 14 de julho de 1939, o tenor Benito Maresca iniciou-se na carreira artística interpretando a ópera *Cavalleria Rusticana* de Mascagni. Seu sucesso na Europa despontou quando estreou na ópera *O Guarani* de Carlos Gomes no Teatro Massimo de Palermo e a opinião favorável da crítica e do público valeu-lhe o convite da Direção desse teatro para interpretar *D. Álvaro,* na *Força do Destino* de Verdi. Obteve grande êxito nos melhores teatros da Alemanha e da Áustria cantando a *Tosca,* de Puccini e a *Cavalleria Rusticana,* de Mascagni. Atualmente está cumprindo contrato de dois anos na Ópera de Munique. Recentemente exibiu-se nos papéis de *Turiddu* da *Cavalleria Rusticana* e *Cânio* de *Os Palhaços* em Budapeste, Hungria, tendo recebido significativos aplausos do público e da imprensa especializada.

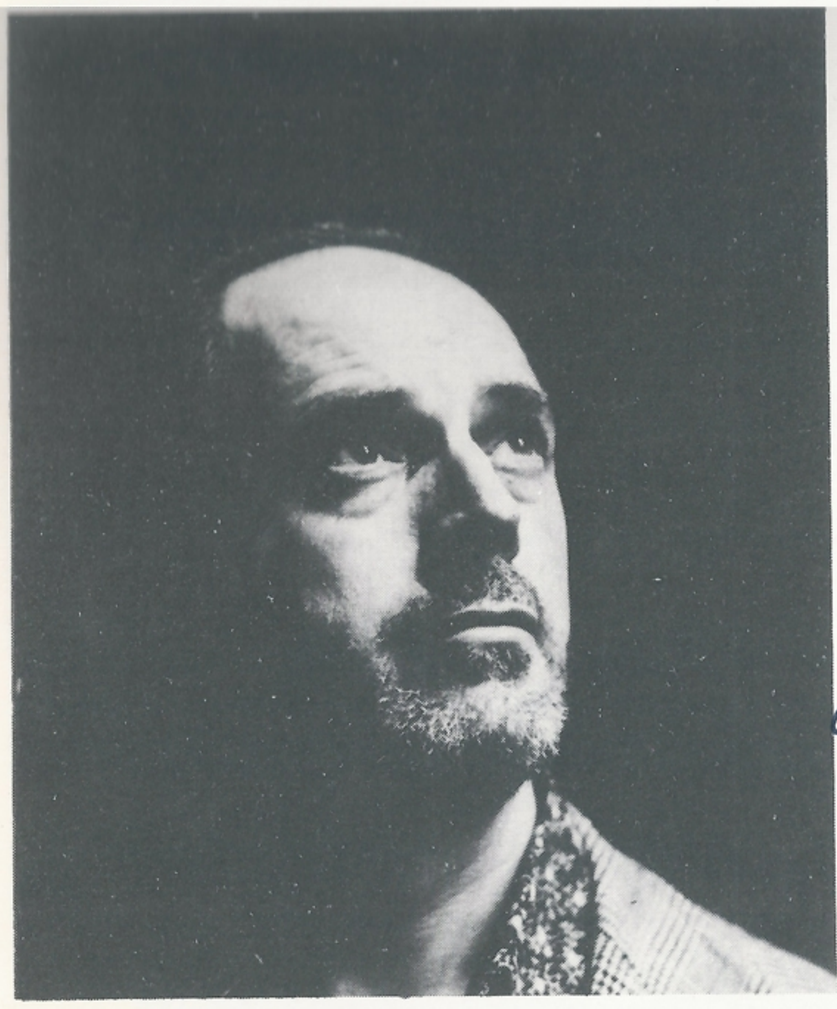
Carioca, Áurea Gomes estudou em Milão, no Conservatório Giuseppe Verdi e no Centro de Aperfeiçoamento do Teatro La Scala. Sagrou-se vencedora de numerosos concursos internacionais de canto, entre eles o *Vozes Verdianas,* que lhe valeu gravar para a Rádio e Televisão Italiana a ópera *Baile de Máscaras* de Verdi. Cantou nos principais teatros italianos, bem como nos mais importantes centros culturais da Europa, interpretando, na maioria das vezes, as heroínas de Verdi. Recentemente, participou de *tournée* com o Teatro Régio de Parma na Coréia do Sul, cantando em Seul a ópera *Aída.* Contam também em sua carreira importantes apresentações, como em *Nabuco,* com o baixo Boris Christoff, sob a regência de Molinari Pradelli, e outra *Aida,* desta vez em Trieste, dirigida por Gian Carlo Menotti.



Difícil de ser descrita em poucas palavras, a carreira de Paulo Fortes pode ser resumida através desta opinião do *Corrieri di Musica* de Milão: "Personalidade proeminente do mundo lírico americano, havendo cantado nos maiores teatros sob a batuta de grandes celebridades, suas qualidades já brilharam na Itália nos mais importantes teatros. Dotado de voz redonda e bem projetada, tem o artista vencido os mais difíceis personagens, atingindo o *Falstaff*, por ele vivido de maneira a qualificá-lo entre os grandes intérpretes da gigantesca obra. Seu repertório compreende todas as fases do melodrama, de Monteverdi a Menotti, o que garante a maturidade do cantor excelente e as enormes qualidades do intérprete privilegiado".

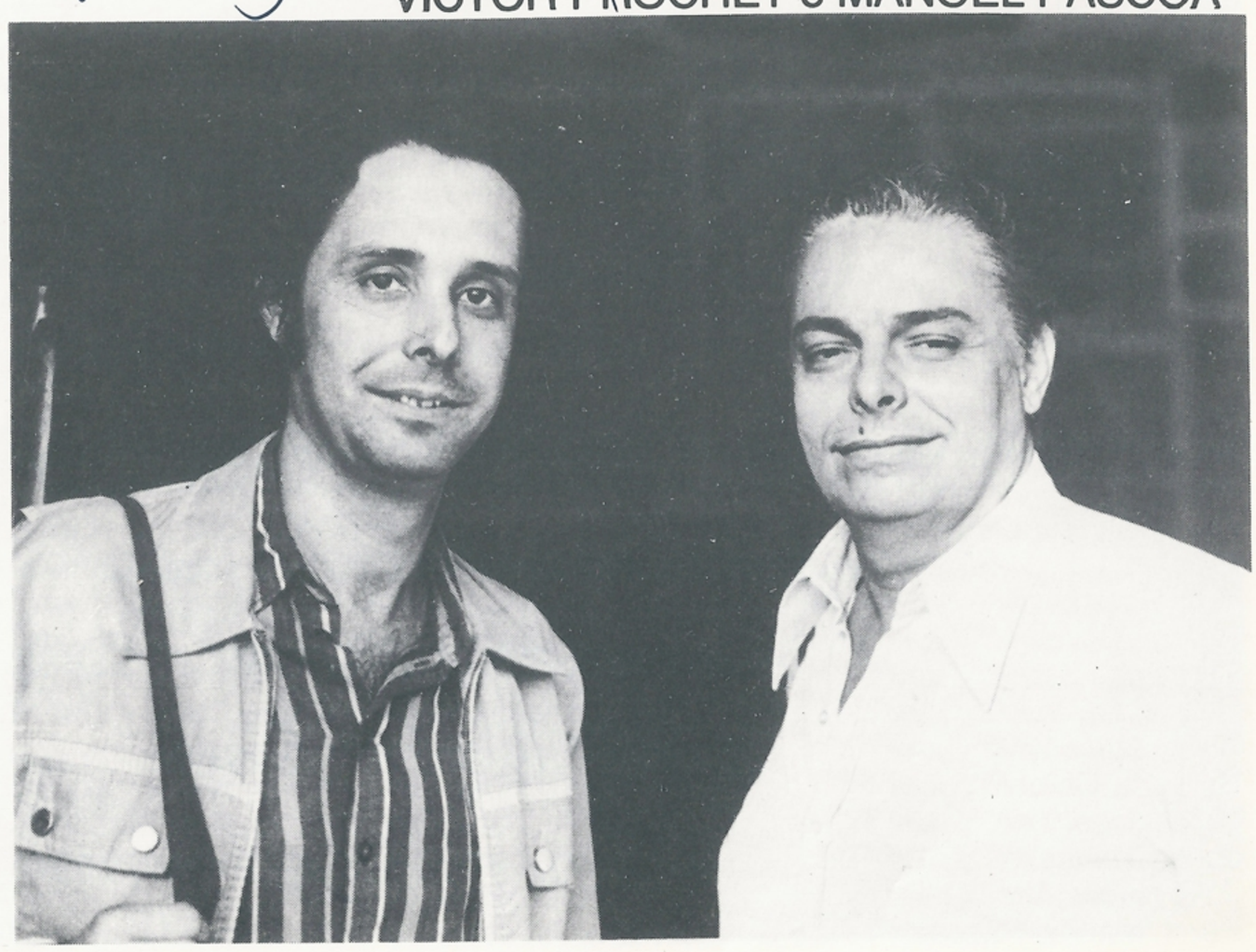
WILSON CARRARA

AMIN FERES



MARCOS LOUZADA

VICTOR PROCHET e MANOEL PÁSCOA



O CORO E A ORQUESTRA SINFÔNICA DO TEATRO MUNICIPAL

Maestro Titular: Mário Tavares. *Maestro Adjunto:* Henrique Morelenbaum. *Administrador:* Angelo Pestana. *Primeiro Violino Spalla* — Giancarlo Pareschi. *Primeiros Violinos* — Alfredo Vidal, Marcelo Pompeu Filho, Virgílio Arraes Filho, André Guetta, Walter Hack, Carlos Eduardo Hack, Aizik Mellac Geller, Nathércia T. Silva, Arthur Bove, Ricardo Wagner B. Abreu, Francisco Perrota, Octávio Miranda Ilha, Homero Gelmini, Edmundo Blois. *Segundos Violinos* — Alvaro Vetere, Robert Arnaud, Carmelita A. Reis, José Dias Lana, Edgard Gomes T. Pinto, Cynira R. Millions, Maria Thereza M. Rosa, Astrogildo A. Reis, Alfredo Damásio, Wilson José A. Teodoro, João Gerônimo Menezes F.º, Sérgio Chaves Rosendo, Lúcia Maria L. Pereira - estagiária,. *Violas* — Adolpho Pissarenko, Bedrich Preuss, Arlindo F. Penteado, Hidemburgo Pereira, Ana Maria C. Scherer, Maria Léa M. Lugão, Marjorie Kuras,. *Violoncelos* — Alceu A. Reis, Ana Bezerra Devos, Giorgio Bariola, Lúcio de Souza, Flávia Martins A. Rosa, Edmundo Oliani, Marie Bernard A. Alencar, Elio Vetorello. *Contrabaixos* — Renato Sbragia, Nelson C. Porto, Sandrino Santoro, Jorge Soares, Luiz Antonio Rocha, Geraldo Gomes, Marco Antonio Delestre, Luke Rodies. *Flautas* — Carlos Seabra Rato, Eugênio Martins, Geraldo Moreira, Eduardo M. Neves - estagiário. *Oboés* — Braz Limonge F.º, Ricardo L. Silva, Kleber Souza Veiga, José Cocarelli - Corno-inglês. *Clarinetas* — Paulo Sérgio Santos, Hildebrando M. Araújo, Armênio Suzano - estagiário, José Artur Rua - Clarone. *Fagotes* — Angelo F. Pestana, Otacílio F. Lima F.º, Elione Alves Medeiros - estagiário, Bruno Gianessi - Contrafagote. *Trompas* — João Gerônimo Menezes, Luiz Cândido da Costa, Jayro Ribeiro, Antônio Cândido Sobrinho, Carlos Gomes de Oliveira, Almir de Oliveira, Philip Michael Doyle - estagiário, Luciano Barbosa - estagiário. *Trompetes* — Benedicto Barbosa, Darcy da Cruz, José Pinto, Hamilton P. da Cruz, Rubens Brandão, Heraldo Reis. *Trombones* — Edmundo Maciel Palmeira, Jesse Sadoc do Nascimento, João Luiz Maciel, Valdemar Moura, Lamartine Gimenez, Jorge M. Berto - estagiário. *Tuba* — Luiz Paulo Silva. *Harpa* — Maria Célia M. Machado. *Teclados* — Murillo T. Santos. *Tímpanos* — Hugo Tagnin, Dexter A. Dwight. *Xilofone - Vibrafone* — José Cláudio das Neves. *Percussão* — Edgard Rocca, José Aguiar Ribeiro, Márcio Villa Bahia. *Inspetor* — Américo Pereira da Costa.

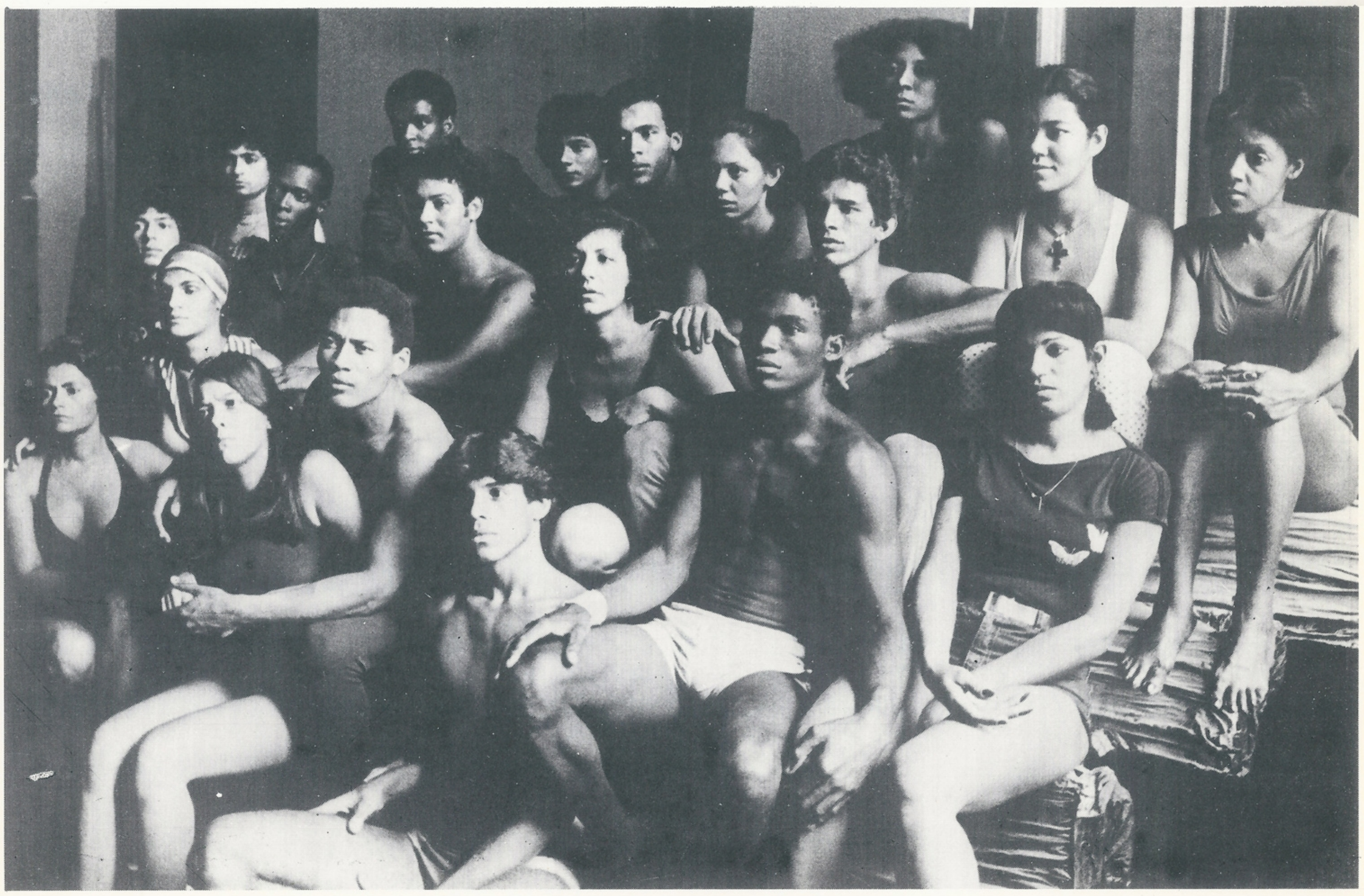
Membros do Coro participantes desta apresentação: Sopranos — Ivete Trevisol, Leonor Bernabé, Rita Paixão, Rosa Gonçalves, Helena Pimental, Marieta Fuchs, Alice Velon, Corina Medeiros, Tereza Moura, Zita Veiga, Izabel Ramos, Dyrce Velloso, Ivone Nazareth, Lauricy Prochet, Luzia Mathias, Antonieta Panfili, Cecília Chaves, Emar Bandarra, Lucy Teixeira, Tereza Viração, Vanda Spinelli, Dulse Pessanha, Ruth Staerke, Siênia Jeanrenaud, Terezinha Mendes, Maria da Conceição Gonçalves, Vera Lacê, Hilda Oliveira, Izabel Porciúncula, Maria Helena Oliveira. *Meio-sopranos* — Conceição Barros, Ângela Aleluia, Leonina de Paula, Oneida Fonseca, Maria de Lourdes Magalhães, Terezinha Serpa. *Contraltos* — Zélia Soares, Leny Silveira, Nilda Bahia, Vera Ivette, Yara Porto, Lêda Cintra, Zuleida Gomes, Célia Alves, Raquel Calazans, Siléa Stoppato, Yedda Agnese, Júlia Rastaldo, Creusa Kost. *Tenores* — Hermes Botelho, Izauro Camino, Salvatore Aielo, Admo Dolenti, Arnaldo Gleck, Marcos Vieira, Newton Ferrugini, Mariano Galindo, Sérgio Ferreira, Nicolino Cupello, Mario Tola, Luigi Santoro, Victor Prochet, Humberto Belvedere, Daniel Felix, Zaccarias Marques, Gilberto Tozzi, Onofre Gomes, João D'Angelo, Célio Gonçalves, Joel Telles, Jair Sbruzzi, Godofredo Trindade, Murilo Porto, Raul Mattos. *Barítonos* — Hélio Paiva, Paulo Bastos, Amado Rescala, Jonas Travassos, Ataíde Beck, Francisco Cansanção, Valdir Ribeiro, Erley Freitas, Belchior Santos, João Castelo, José Roque. *Baixos* — Júlio Nunes, Waldyr Tambasco, Walter Pinheiro, Helvécio Alvarez, Josué Martins, Américo Costa, Luiz Nascimento, Sérgio Freitas, Mário Paris, Manoel Páscoa, Amaro Duarte. *Administradora do Coro:* Marina Marques.

DENNIS GRAY, o coreógrafo

HELIANA PANTOJA

O BALLET DO TEATRO MUNICIPAL

Feiticeiros: EMÍLIO MARTINS e ANTÔNIO NEGREIROS — *A Índia:* HELIANA PANTOJA — *Índias:* PATRÍCIA ALMEIDA, MARILDA AZEVEDO, ELISA BAETA, KEILA DE CASTRO, ANA ELISA FERRAIOLO, MARGARIDA MATHEWS, BEATRIZ MELUCCI, LOURDJA MESQUITA, IRENE ORAZEM, SHIRLEY PEREIRA, MIRIAM SANTOS, INÊS SCHLOBACH, CRISTINA SCHROEDER, LIA VANNIER e CYNTHIA VASCONCELOS — *Índios:* FERNANDO MENDES, ROBERTO LIMA, JADYR PICANSO, CARLOS MEZIAT, EDUARDO NUNES, CAIO MARCELO, WALDO OLIVEIRA, JORGE ELICOSTA, ROBSON DAYRELL, FLAVIO SAMPAIO, ANTONIO VASCONCELOS, PAULO ARGUELIES, JOÃO CARLOS TANCREDO, JORGE RODRIGUES e ALBERTO ROMEIRO.

OS FIGURANTES

MAX, LINDAURA (foto à esquerda), LAFONT, ADALGISA (foto à direita), MAURÍCIO, JACQUES, MAX, WILMA, LINDAURA, ARIMATAN, LAFONT, NILTON, IRANI, MARGARIDA, NILSON, PAULO, ROBERTO, SÔNIA DE SOUZA, JOSÉ FERNANDO, ADALGISA, SIDNÉIA, ELIANA, ALEXANDRE, CLÁUDIO, ROBERTA (foto abaixo) e ainda: JUDITE, MARIA HELENA, MÁRIO CÉSAR, RUI, JÚLIO CÉSAR, MARCO ANTONIO, ROGÉRIO, JOSÉ ANTONIO, MÁRCIO, ROSANE e as crianças ALEXANDRE, RICARDO, PABLO, RINALT, ALINE, JULIE e JUDITE.